

## A CONDIÇÃO DA MULHER

IRENE TAVARES DE SÁ

*Pela primeira vez, SÍNTESE publica um artigo especificamente dedicado ao problema da mulher, no mundo moderno. Para tanto, convocou naturalmente uma mulher, pensadora e escritora que se vem assinalando em nosso meio cultural pelos seus ensaios relativos ao assunto. Num mundo que emerge da divergência para a convergência, o feminino, com seu poder de atração, assume uma importância histórica indeclinável. Um mundo novo está em gestação e, neste assunto, prescindir da mulher equivaleria a renunciar à esperança de que o nascituro seja humano. Como preparar a mulher para esta missão inédita, sem fechá-la aos apelos de sua autêntica vocação feminina, é o problema para cuja solução a autora orienta suas reflexões e estimula as reflexões de suas leitoras.*

**T**ÔDA síntese é difícil, podendo às vezes reduzir os dados de um problema a termos incompreensíveis. A análise da condição da mulher abrange tantos aspectos filosóficos, teológicos, sociais e psicológicos que nos aventuramos a escrever a respeito um livro <sup>1</sup> de modestas pretensões, tentando uma conceituação realística e objetiva.

Hoje, atendendo ao pedido que nos fez a revista SÍNTESE, queremos apenas destacar a importância da presença da mulher no mundo moderno, dentro daquele esquema.

<sup>1</sup> *A Condição da Mulher*, Editôra AGIR, Rio de Janeiro, 1966.

Todos os estudiosos de problemas sociais sentem-se alarmados ante sua complexidade e alguns divisam calamitosas perspectivas futuras no campo da moral, da política e da educação. O próprio Concílio Vaticano II pode ser considerado uma mobilização das forças espirituais da Igreja em gigantesco esforço de adaptação aos tempos atuais. Como excluir, pois, a mulher dessas preocupações, ou minimizar a importância de sua participação em tão grave momento histórico? Como despertá-la e prepará-la para sua autêntica missão ao lado do homem? Como responder aos apelos de sua autêntica vocação?

\*

“Se realmente tôdas as mulheres, movidas pelo sentimento inato que lhes faz detestar a guerra, desenvolvessem uma atividade concreta para evitar os conflitos armados, seria impossível que a coordenação de tantos esforços não atingisse seus objetivos” (PIO XII, *Acta Apostolica Sedis*, XLIV, 1952, 423).

Transcrevendo estas palavras de PIO XII, indicamos apenas um exemplo do poder moderador da mulher e das novas responsabilidades que lhe são apontadas em face da mais dramática das contingências históricas — a guerra. Sem desfemique as ameaçam em seus redutos mais sagrados — sua per-<sup>\*</sup>maturidade que permite vislumbrar à distância os perigos penetradas do *mistério* de sua missão, tiverem atingido essa

Realmente, que será do mundo no dia em que tôdas, harmoniosa expansão.

dêsse extraordinário poder tão mal aproveitado por muitas, para os ingentes esforços despedaçados pelo gênio criador do

Tôda mulher integrada em sua missão olha com certa indulgência para os vãos espaciais e com temor e repulsa por falta de adequado preparo e condições que permitam sua verso feminino cujas leis e mecânica fogem aos domínios das ciências exatas.

Minizá-la, tentamos demonstrar em nossos estudos a força sonalidade, seu lar, seu universo! Esse universo sem fronteiras — porque o amor não conhece fronteiras. Esse uni-

homem na fabricação e emprêgo de armas e engenhos mortíferos. Entretanto, a violência, a ambição e a agressividade que tantas vêzes insuflam as atividades masculinas nunca serão neutralizadas sem o concurso da mulher, exercido êste numa linha de crescente consciência de suas responsabilidades e graças à inteligente utilização de seus dons.

Sua exclusão, durante séculos, dos interêsses sociais, assim como a desfiguração da verdadeira feminilidade explicam, contudo, a persistência de muitos desvios da força criadora do homem e que resultaram em males de tôda sorte.

Instrução e liberdade são-lhe também necessárias. mas não bastam para levá-la à descoberta de suas mais autênticas e recônditas possibilidades. Influências contrárias, por outro lado, parecem hoje afastá-la de sua linha genuína, de sua autêntica vocação. Dentro do próprio campo feminino, quantas exercem ação prejudicial e destruidora, quando não inócua e pueril?!

Entretanto, quantos admiráveis exemplos a registrar!

\*

O estudo de sua presença na arte, <sup>2</sup> a análise do verdadeiro sentido de seu *encontro* com o homem, levaram muito longe nossa meditação —levaram-nos até aos confins da graça e da eternidade. Pois a condição da mulher no mundo atual é apenas deformado reflexo de sua realidade transcendente. Suas origens confundem-se com o mais remoto passado —quando a primeira mulher traiu seu destino e quando, a outra Mulher, foi dito que esmagaria o “princípio do mal”.

Inspiradora dos mais altos ideais pode tornar-se também objeto de opróbrio e maldição. Suas extraordinárias potencialidades, suas qualidades desviadas muitas vêzes de sua autêntica finalidade tornam-na, quem sabe, sinal de contradição. No entanto, tudo isto pode ser explicado à luz da fé, da psicologia e da evolução histórica.

<sup>2</sup> *Eva e seus Autores*, Editôra AGIR, Rio de Janeiro, 1968.

Sua missão junto do homem sofreu tôda sorte de deformações quando foi transformada em objeto de prazer e instrumento apenas de procriação, quando as leis sociais e políticas a degradaram no fundo das minas (mesmo em pleno século XIX), no trabalho braçal —ainda hoje— até ser reduzida por último à condição de “mulher soldado” . . .

\*

Discutir aqui as causas dessas aberrações e atribuir responsabilidades nos levaria muito longe e, talvez, a surpreendentes conclusões. Não é nossa intenção ressaltar aspectos negativos. Queremos, antes, destacar a grandeza de um destino que está a exigir novas definições, tanto da parte do homem quanto da mulher. Delas depende também, em futuro muito próximo, a própria sorte da civilização.

Qualquer atitude isolacionista é igualmente aberrante. Considerar a presença da mulher no mundo isolada da ação masculina é infantil e absurdo. Impõe-se, assim, uma ação conjunta, esclarecida, na base de mútua compreensão e estímulo.

Os mais jovens já começam a reconhecer esta verdade.

Nos países livres, em muitos setores, isto já se vem tornando realidade. Quantos povos, porém, sofrem ainda o pêso de juro políticos e culturais? Em quantos países a própria condição humana é ainda uma afronta ao Criador?! Inútil considerar, nesse caso, a condição feminina . . . Há, porém, fenômenos sociais de aspectos mais sutis —onde uma pretensa “cultura” nada mais faz que degradar e deformar a mulher.

Os valôres espirituais são aí vilipendiados. Que não dizer dos valôres femininos! Isto que sempre constituiu a mais secreta fonte de esperança de um mundo melhor, desde que foram postos como *valor de equilíbrio* ante as energias criadoras do homem, desviadas de sua autêntica finalidade, quando sua natureza, abalada pelo pecado original, o projetou na linha da violência e da agressividade, da ambição desmedida e da ânsia de poder.

\*

Não se pretenda em absoluto endeusar a mulher. Pelo contrário, uma visão realística nos levaria muitas vezes a conclusões passimistas e humilhantes se não acreditássemos também no poder da graça e nesse *mistério* que, apesar de tudo, envolve o ser feminino e se confunde com a palavra *amor*.

A História tem provado existir um elemento de contraponto nas tentativas de resistência à violência e ao mal. Na origem desse esforço encontra-se a palavra *amor*.

Enquanto o mal provoca a ruína e a destruição, o amor tenta restaurar e salvar. Enquanto a ambição utiliza meios violentos para alcançar seus objetivos, o amor transfigura as ações mais obscuras e humildes.

Muitas mulheres (na antiguidade e mesmo em nossos dias) aceitaram a morte de seus filhos porque lhes foi dito que a glória guerreira era a suprema aspiração do homem. A suprema aspiração da mulher é realizar-se no amor, pelo amor, em múltipla e fecunda doação. Frequentemente sucumbe a quimeras, ilusões e arraigados preconceitos.

Muitas fracassam hoje na educação porque resíduos daqueles e doutros preconceitos persistem sob diferentes formas e manifestam-se do modo mais imprevisível e sutil ("Não sei lutar"... "Não posso com esta criança"... "Se resistir ao meu namorado ele me larga"... "Meu marido sabe o que faz —eu só me ocupo com minha casa"...).

Naturalmente sabemos que tanto a formação do homem quanto a de sua companheira sofreram sérias desfigurações, mas a condição da mulher é, hoje, mais difícil e complexa, pois sua luta dirige-se contra forças contraditórias internas e externas, contra o presente e o passado (deformações psicológicas, preconceitos e tradições ultrapassadas que continuam a influenciá-la e a entravar sua ação).

A emancipação feminina é também arma de dois gumes, podendo libertá-la ou escravizá-la a novas contingências. É o que se tem verificado, por exemplo, no plano do sexo (que muitas confundem com amor), no plano profissional e no econômico.

O problema do trabalho feminino constitui-se em um dos mais difíceis dentro do estudo da condição da mulher

no mundo moderno. Trabalhar ou não trabalhar? Em que medida? Quais seriam as profissões femininas e quais as que lhe deformam a personalidade? Como confiná-la à vida doméstica, privando-a de vislumbrar novos horizontes culturais e possibilidades econômicas que lhe permitam uma vida mais fácil e mais plena? Como conciliar suas atividades profissionais e maternas? <sup>3</sup>

Quanto a seu comportamento sexual, também caberiam inúmeras perguntas em face da nova mentalidade instaurada pelas recentes correntes psicológicas.

No plano familiar, a própria Igreja aponta novas perspectivas quando os problemas conjugais, genéticos e educacionais parecem focados numa luz mais clara.

De certa forma, é um mundo nôvo que se descortina apontando também novas responsabilidades — sobretudo aquelas que se prendem a uma melhor compreensão de nossa missão pessoal, familiar e histórica, tendo em vista as atuais possibilidades culturais nos países livres.

\*

“É indispensável que nas diversas nações se trabalhe para que a opinião pública, as leis e as instituições reconheçam o valor da missão da mulher no mundo, particularmente o valor de sua tarefa na família e na sociedade” (*Magna Carta do Movimento Mundial das Mães* — 6).

Impõe-se assim uma revisão de valores no plano real e transcendente. E perguntamos: que é mais importante — a beleza, a cultura ou a eficiência? Que melhor responde às suas mais profundas aspirações — as satisfações sexuais, afetivas ou profissionais? Qual a extensão de sua vocação? Qual o verdadeiro sentido da maternidade? Será que a mulher do século XX é capaz de projetar em plenitude sua feminilidade?

Outras tantas perguntas que necessitam urgente resposta.

<sup>3</sup> Estudamos alguns desses aspectos em *Eva e seus Autores*. As interessantes conclusões chegaram, igualmente, experiências realizadas em diferentes países (Comissão da Condição da Mulher, da O.N.U., etc.).

Se não acreditássemos tanto, porém, na grandeza de sua vocação, não as ousariamos formular. Contudo, somente ela, a mulher do século XX, poderá responder com pleno conhecimento de causa. Aquela que atingiu elevada cultura e cuja sensibilidade lhe permite captar as *nuances*, apreender os laços, os fios secretos que unem aquelas diferentes proposições até compor uma estrutura flexível e dúctil, inquebrável e dotada de elementos imponderáveis, vitais, fecundos e imprevisíveis.

Mães, espôsas, profissionais, educadoras — muitas — em alguns países já tomaram consciência de seu papel e esforçam-se por atingir harmonioso desenvolvimento da personalidade, tendo em vista algo que constitui o móvel de suas ações mais fecundas e o objetivo mais caro ao seu coração — o *outro*.

Todo esforço narcísico e egoísta foge à autêntica feminilidade, sendo a mulher um ser essencialmente alterocêntrico (abalado muitas vezes em sua linha de equilíbrio) cuja projeção alcança imprevisíveis distâncias quando sua meta se torna plenamente consciente. O que não impede aja muitas vezes por intuição, vislumbrando ao longe o vulto distante daqueles que voltam ao seu regaço, ao calor de seus braços.

Uma mulher, realmente materna, em plena consciência e domínio de suas possibilidades, é uma energia de imprevisível alcance. Qual o segredo, porém, da descoberta dessa unidade e da projeção dessa força oculta que prescinde da violência?

Segundo PAPINI a mulher ideal é aquela que “arrebata a alma do homem e a transfigura”. Quantas realizaram, porém, essa transfiguração? Quando descobrirá o homem a importância da presença da mulher ao seu lado, secundando-lhe o dinamismo criador? Quantos a terão sequer vislumbrado?

\*

JOÃO XXIII apontou a escensão da mulher como um dos três fenômenos marcantes deste século. Resta talvez ao mundo feminino fazer sua própria descoberta, abandonan-

do as regiões nebulosas onde seu espírito viveu embalado durante milênios. Altas vozes a iludiram — de poetas a santos. Conceitos quiméricos, ideais ilusórios, ao lado de súbitos lampejos, obscureceram ou aclararam algumas vezes sua realidade histórica e transcendente. Os mais sábios contentaram-se, porém, em proclamá-la um *mistério*. Outros, muitos, ela própria, deformaram-lhe a primitiva imagem.

Há, assim, todo um trabalho a ser encetado, tóda uma laboriosa tarefa pessoal e social a ser realizada. Difícil tarefa, árduo labor, nova e misteriosa gestação, já de si mesma marcada pela divina sentença — “conceberás na dor”.

A mulher é um valor carismático burilado pela dor e que jamais fugirá a êsse destino. . . mas só Deus conhece o valor, a energia fecundante da dor — sua extensão no tempo e na eternidade.

Todo mistério, por sua vez, supõe algo visível que revela a presença do invisível. A mulher é assim. Só os imprudentes tentarão desvendá-lo aos olhos incautos. Não tentaremos isto.

Tóda meditação que vislumbra o transcendente deve deter-se e reconhecer a fraqueza dos meios de que dispõe em suas pesquisas.

O mistério feminino leva-nos finalmente aos pés de uma Mulher que partilha da vida da Trindade Santa de modo tão íntimo e efetivo que nos sentimos incapazes de prosseguir em nossa meditação preferindo antes nos deter, repetindo as palavras do Poeta

“ . . . a altura hás atingido  
além de cuja extrema não discerno. . . ”  
(Purgatório, c—XXVII—43)